

## REUNIFICAÇÃO DE FERNANDO PESSOA

Luciana Stegagno Picchio  
Universidade de Roma "La Sapienza"

1. Não vou propor uma nova interpretação de Fernando Pessoa. O ano do cinquentenário, esperado e temido, colheu-nos a muitos de nós nacionais e estrangeiros (falo por mim, mas talvez interprete o sentimento de outros), esvaziados e afinal despreparados. Colheu-nos a nós, aos velhos, descobridores e exegetas do Pessoa-um-e-quatro, renitentes a encarar a realidade deste Pessoa galáxia, Pessoa um-e-vinte, Pessoa um-e-trinta que sai do espólio das 27.543 peças.

Colheu-nos cansados e, como a todos os velhos, incapazes de travar novos conhecimentos e estreitar novas amizades. Nós, os "sodales" da velha guarda pessoana, os íntimos de Alberto Caeiro, de Álvaro de Campos, de Ricardo Reis, do Pessoa-ele-mesmo, conhecedores tardios do vizinho do lado Bernardo Soares, como conseguiremos encarar a multidão desses Search e Crosse, Guedes e Quaresma, desses Moura, Baldaya e Pantaleão, para só citarmos os mais falados? O ano pessoano colheu-nos já de Pessoa transladado, em ossos e cinzas, para os Jerónimos, deixada a discreta doméstica paz dos Prazeres, o diálogo alusivo e caseiro, monossilábico e gestual, com a avó Dionísia. Apanhou-nos com Pessoa convocado abruptamente para um impossível, altissonante, endecassilábico colóquio com um Camões-cenotáfio, um Camões que lá não está, trocadas ironicamente as posições e as oposições de presença/ausência. Ausente o poeta em carne e osso, vate personager; presente o poeta só vozes, só máscaras, poeta-personae o poeta-pessoas.

Ora a pergunta é: tal reunificação, debaixo de um único denominador de ossos e cinzas, vai facilitar a reunificação dos poetas Fernando Pessoa?

2. Num pequeno trabalho destinado a um catálogo divulgativo, eu tentei recentemente esboçar a fortuna de Fernando Pessoa nestes cinquenta anos após a sua morte. Procurarei agora explicitar e desenvolver algumas das idéias ali lançadas em vista de um balanço esclarecedor.

No momento do seu desaparecimento, 30 de Novembro de 1935 - dizia eu -, Pessoa não era um desconhecido nos meios literários portugueses. Os diários de Lisboa tinham enaltecido concordemente, embora debaixo da pena de outros adeptos, o "admirável

espírito crítico do insigne autor do Orpheu, um dos maiores poetas do Portugal de hoje, uma das grandes figuras da sua geração". Nem, dentro destas estilizações epicélicas em que já apareciam nítidos, em volta do poeta-ilha, o contexto, a malha geracional daquela que passará à história como Geração do Orpheu, se ignoravam as dominantes da sua imagem poética: a personalidade múltipla e o ineditismo. Só que, na altura, apesar de alguma saídas em campo internacional, Pessoa continuava sendo fenómeno nacional e provincial.

Cinquenta anos de estudos, de descobertas, de enaltecimentos, de identificações do poeta um-e-quatro, do poeta-arca, do homem apagado e cinzento divulgador de luminescentes, incomunicáveis monadas literárias, transformaram o Fernando Pessoa intelectual e poeta nacional português em poeta do Século XX sem qualificativos, poeta nosso, universal.

Se quisermos percorrer o iter desta exemplar fortuna crítica, teremos, antes de mais, de procurar a matriz dos tópoi críticos pessoanos. É bem verdade que, no momento da morte do homem, o iceberg da obra ficava submerso, mas o seu cima cintilava: cintilava na auto-consciência e na consciência dos apóstolos do Messias disfarçado, que se preparavam para se tornarem caixa de ressonância do seu Verbo.

Pois que, como acontece com qualquer Messias, os primeiros mitos críticos sobre o poeta Pessoa tinham sido divulgados pelo próprio homem Fernando Pessoa: de forma esotérica, em poemas parábolas, cartas-autopsicografias, diários armelianos, com a estética da abdicação ao lado da mistificação poética: "Quero ser um criador de mitos, o que constitui o ofício mais alto que possa realizar um ser humano".

3. Era um desafio, uma escalada do poço do provincianismo português para a montanha desmantelada e luminosa da vanguarda, às vezes coincidindo com a montanha mística do Abiegnio. Para os companheiros de viagem ou de geração (se chegaram a constituir uma geração) esta vanguarda apelidava-se Europa. O "canto arrugado da Europa" de Mério de Sá-Carneiro, a 'Europaris' de Alrada. Mas também a Europa de pensadores e poetas mais distantes, como um Camilo Pessanha, em quem, num jogo de horologias, poderíamos individuar o Blok, para não dizermos o Baudelaire português; ou mesmo um Cesário Verde, oferecidos como contemporâneos quando não como imediatos predecessores (se é exato que cada Vanguarda constrói para si, no presente assim como no passado, uma rede de sincronias e de afinidades electivas).

Não poderemos prescindir destas personagens e das idéias de que eram portadoras se quisermos arrancar Pessoa do seu enigmático isolamento, tecendo em volta dele um discurso mais articulado sobre Novecentos português e Novecentos europeu. Prefiro o denominador Novecentos ao de Modernismo pois esta etiqueta, aplicada retroativamente, em 1928, e só por analogia com o Modernismo brasileiro, à vanguarda histórica lusitana, parece-me inadequada para abrigar debaixo de um unico denominador tantas experiências trágicas e diferenciadas. A Geração de Orpheu, foi dita. Com maior pertinência, mutuando o título dum famoso ensaio escrito por Roman Jakobson depois da morte de Maiakovskij, intitularíamos esta radiografia de uma vanguarda de iso-

lados, de uma vanguarda que nunca chegou a ser grupo (contrariamente ao que daí a poucos vai acontecer com os homens da "Presença"), "a Geração que dissipou os seus poetas".

Neste jogo de emparelhamentos, de espelismos de áreas marginais, surgirão por um lado o Maiakovskij, que se suicida em 1930 "por vazio de alma", ou ainda o Essenin, que o tinha precedido de 5 anos no gesto definitivo, e, por outro, o Mério de Sá-Carneiro com seu suicídio adolescente em smoking sob a égide do "quase" existencial. Veremos um Santa-Rita Pintor que, em 1918, no próprio ano em que morre de gripe espanhola Amadeo de Souza Cardoso, o Amadeo homólogo de Umberto Boccioni, se deixa morrer antes de chegar aos 30 anos, depois de ter organizado o auto-da-fé das suas obras. Mais pertinentemente veremos ainda um Luís de Montalvor, comensal de Pessoa no convívio do Orpheu e destinado a morrer tragicamente numa fogueira geracional de crepúsculo dos deuses, ou, ainda, o próprio Pessoa, que morre aos 47 anos com uma não equívoca crise hepática.

4. Bem sei. O jogo sinonímico e metafórico das analogias e das vidas paralelas é, plutarquianamente, iluminante embora perigoso. Mas o discurso sobre Vanguarda e vanguardas envolve e implica a personagem literária Fernando Pessoa. E nosso trabalho de críticos estrangeiros, de críticos do ostranênie, foi, durante estes anos todos, uma tentativa de arrancar Pessoa do seu fictício isolamento e de o recolocar na Europa e no mundo. Com todas as impurezas do branco que isto comporta, jogando para si psicanálise e sociologia, emparelhando por exemplo, como ainda não foi devidamente realizado, Fernando Pessoa com a Sybil americana de múltipla personalidade ou estudando, como o fez exemplarmente Alfredo Margarido, suas opções, suas predileções, suas contradições, suas fraquezas políticas. Pessoa marcado pelas estigmas do século, motor de uma vanguarda histórica portuguesa que tem seu clímax em 1915 e na publicação do Orpheu, em volta do qual giram centripetamente todos os artifícios de uma inédita e sofrida europeização de Portugal.

5. Deram-se centenas de interpretações da heteronímia pessoana: psiquiátricas e psicanalíticas, retóricas e poéticas. Agora o que nos compete é reunificar Fernando Pessoa, empreender uma edição crítica confiável compreendendo todos os seus textos, de todos os seus heterônimos. Estudar éditos, inéditos e manuscrito, e suas variantes, como já sugeri Jacinto do Prado Coelho, e, como o fez, num caso específico, Ivo Castro. Entrar na oficina do artífice, do poietés, mais do que no coração do poeta-homem. Levantar seus recursos retóricos, procurar em índices de nomes e de terras as isotopias e as recorrências. Os poetas não têm biografia, foi dito. Mas aconteceu que exatamente a não-biografia de Fernando Pessoa, nos tem ocupado mais que sua obra poética. E falo das duas não-biografias: a primeira seria a biografia real, esquelética, de primeiro grau, empregado de casas comerciais, frequentador diurno de casas de pasto lisboetas e perseguidor noturno de paraísos, ou até mesmo de vazios de consciência artificiais (o romance policial, o maço de cigarros, a chávina de café).

E a segunda seria a biografia-não, biografia inventada, mentalizada, de segundo grau, de indivíduo habitado esquizofrenicamente por outros indivíduos. Pouco divertidos e fantasiados estes novos indivíduos, tão homólogos do Fernando Pessoa ele mesmo, quase dele coetâneos, pertencentes à mesma esfera social e, muito indicativamente, nenhuma mulher entre eles, (do momento em que) o super-ego vigia e tal não autoriza. Dentro de Sybil existiam homens e mulheres, meninos e adultos e ela não os conhecia nem os controlava simultaneamente.

Aconteceu que esta biografia-não biografia segunda tem-nos ocupado mais do que a própria obra literária. Discutiu-se mais acerca da gênese e depois acerca da encenação e performance do texto de que acerca do próprio texto. É bem verdade que a própria construção da biografia-segunda, último reduto do pudor e da ironia, jogo já romântico e stendhaliano de máscara-pseudônimo e, (porque não?) módulo hispânico da "citação", que delega a outrem a responsabilidade do que vamos dizer, tudo isto entra na construção da obra poética. Faz parte daquela vontade de estrutura que Roman Jakobson indicou como elemento organizador e catalizador de qualquer "fazer" literário.

Pessoa proclamava-se autor dramático. Mas acontece que as personagens criadas por um eu dramático são sempre portadoras de emoções, ações e linguagens peculiares, não partilhadas necessariamente pelo eu gerador. Como acontece em qualquer criação. Só que o criador expulsa de si próprio suas criaturas, as suas ficções, colocando-as no palco do mundo e permitindo-lhes actuar como indivíduos, capazes de um pecado original. Shakespeare e Cervantes cortam o cordão umbilical que os liga ao Rei Lear ou a Dom Quixote, eles próprios vivendo de vida autónoma e, como tais, susceptíveis de serem reconhecidos e re-propostos por outros autores. As várias "sub-personalidades" de Pessoa, ao contrário, nunca vão cometer o pecado original, pois vão conservar sempre uma relação de unívoca sujeição com o poeta ele mesmo, de quem eles não são criações, mas sim emanções, mutilações. As suas manifestações não são actos primários de vida, mas actos secundos de vida.

A vida deles é a poesia e o motor de suas vidas-poesias é sempre unicamente o poeta Fernando Pessoa, nas suas diferentes posturas poéticas e literárias de poeta inglês, de raiz shakespeariana, de poeta simbolista português, de poeta bucólico e de poeta clássico, de continuador filosófico do poeta bucólico, de poeta de vanguarda mentalmente inserido no seu tempo e no seu específico espaço cultural. De poeta e de prosador, embora mentir, fingir em prosa, seja sempre muito difícil. Pessoa amava as comparações e as projecções para o alto ("Deus não tem unidade, como a terei eu?"). Podemos dizer que a sua relação com os seus eu-personagens não é uma relação de criação mas sim de essência. Em vez de estar no palco shakespeariano, o poetodrama terá a sua sede no coração do artista ("meu coração é um enorme estrado"), será um "drama em gente!" À esfera do dramático só pertence o invólucro externo dos eu-personagens, a sua ficha anagráfica elaborada metonimicamente depois do seu aparecimento como vozes poéticas.

Não foi por acaso que José Saramago, ao inventar uma sobrevida de Ri-

cardo Reis, acaba por matar as duas personagens, Pessoa e Reis, indivisíveis, no mesmo instante.

6. A materialização, em alguns casos a catalização da metáfora, investe toda a obra de Pessoa. Insere-se (ou antes gera-a?) na sua procura de transcendência, nas suas concepções político-filosóficas, no seu messianismo prefigurador de reencarnações consolatórias. Unifica seu individual bric-à-brac mitológico que de abstração de matriz simbolista passa a ser armazém de objetos escolhidos no panteon das glórias nacionais, no repositório familiar. Teremos aí as ilhas afortunadas, o Palácio de uma realeza contaminada, o castelo medieval com suas princesas mortas, as mãos cruzadas no peito como Ofélias-irmãs. Teremos o ocaso da hora mística e absurda de um Ocidente futuro do passado e o sonho de um Oriente de alibis opíacos.

O jogo de espelhamentos, que o uso da metáfora introduz na literatura e naquele seu prolongamento que, para Pessoa, é a vida do homem ("fosse eu uma metáfora somente") facilita a passagem abstrato-concreto própria da metáfora visualizante. Os exemplos são inúmeros: "O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas"; "meu coração é uma ânfora que cai e que se parte... o teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido a um canto"; "meu coração é um pórtico partido dando excessivamente sobre o mar". Isto é Pessoa, e não importa por boca de qual de seus heterônimos. Pessoa, unitariamente Pessoa. Um jogo de espelhamentos que produz a própria relação abstrato-abstrato, através de um referente central concreto que é procurado no imaginário coletivo, na história-mitografia da Hispânia: "Outrora fui talvez não Boabdil, Mas o seu último olhar Da estrada dado Ao deixado vulto de Granada". Um jogo que chega até à visualização teosófica e tradicional do inegável: "E Deus, a grande Ogiva ao fim de tudo".

7. Dissemos no início que é preciso reunificar, reunir Fernando Pessoa. Acabar com a arca. Uma das metáforas mais indicativas de Pessoa, ortônimo e heterônimo, é a metáfora da mala, da arca, se quisermos, sem a qual é impossível partir: "Mas tenho que arrumar a mala, tenho por força que arrumar a mala, tenho que arrumar a mala do ser. Tenho que existir a arrumar malas". Não foi assim. Pessoa partiu "na véspera de não partir nunca", morreu, aí de nós, sem fazer a mala, sem arrumar a arca. Deixou-a aí, aquela sua mala cheia de intenções, de projetos, de gente. O que nos compete agora é abrir a mala, libertar coisas e personagens.

Quando todas as personagens tiverem saído, e nós tivermos passado roupas amarrotadas delas; isto é, em palavras chãs, tivermos organizado a edição crítica dos textos de Fernando Pessoa, talvez o poeta Fernando Pessoa, lá onde ele unitariamente se encontra, esboce um sorriso. E a arca provisória dos seus muitos eus alçar-se-á ela própria rumo ao Nada, deixando finalmente refletida, na caverna deste mundo, a imagem de um grande, inscindível poeta que se chamava Fernando Pessoa. Um poeta que viveu provisoriamente numa arca, repartido em muitos heterônimos. Um poeta-metáfora.